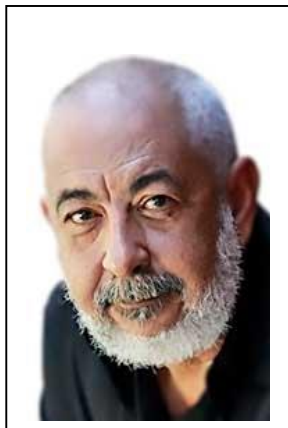
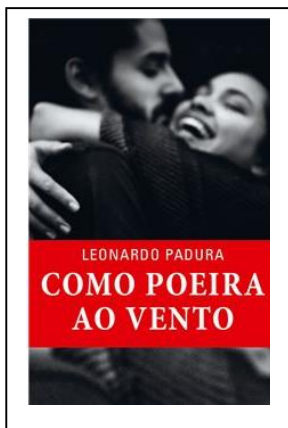


**[Como poeira ao vento]
[Leonardo Padura]****[Leonardo Padura] Biografia:**

Leonardo Padura nasceu em Havana em 1955. Licenciado em Filologia, trabalhou como guionista, jornalista e crítico, tornando-se sobretudo conhecido pela série de romances policiais protagonizados pelo detetive Mario Conde, traduzidos para inúmeras línguas e vencedores de prestigiosos prémios literários, como o Prémio Café Gijón 1995, o Prémio Hammett em 1997, 1998 e 2005, o Prémio do Livro Insular 2000, em França, ou o Brigada 21 para o melhor romance do ano, além de vários prémios da crítica em Cuba e do Prémio Nacional de Romance em 1993. Em 2012, recebeu, também em Cuba, o Prémio Nacional de Literatura pelo conjunto da sua obra. E, em 2015, foi galardoado com o Prémio Princesa das Astúrias das Letras. Pela Porto Editora, tem editados em Portugal, *O Homem que gostava de cães*, *Hereges*, *A Transparência do Tempo*, *Quarteto de Havana I* e *Quarteto de Havana II*.

**Sinopse de [Como poeira ao vento]**

Lela, a protagonista deste romance, tem duas certezas na vida: a de que o seu professor de História tem de morrer e a de que ela precisa de começar uma vida nova para lá desse campo onde as peras caem. Numa Geórgia recém-independente, nos arredores de Tbilisi, fica uma casa apalaçada onde funciona uma instituição que acolhe órfãos e crianças com deficiência mental. É conhecida por Escola dos Idiotas, ainda que a maioria dos que hoje ali vivem - como o pequeno Irakli - tenham sido simplesmente abandonados pelas mães por desespero e não sofram de qualquer doença mental. Porém, em lugar de serem acarinhadas e educadas, as crianças da Escola dos Idiotas recebem dos professores sobretudo lições de negligência e abuso. Com dezoito anos feitos, Lela já tem idade para poder deixar o estabelecimento, mas está lá há tanto tempo que não se lembra de ter tido família. E, não sabendo para onde ir, aceita um trabalho na instituição para poder planear à vontade a sua vingança suprema e, ao mesmo tempo, preparar a adoção de Irakli por um casal norte-americano. Mas nem tudo corre como planeado... Este é um retrato poderoso, mas sem sentimentalismos, de um grupo de jovens que se defendem mutuamente da crueldade do mundo dos adultos. Premiado e aplaudido pela crítica e pelo público, ficará seguramente na memória de todos os leitores.

Leonardo Padura. "Se falarmos sobre a vida quotidiana de Cuba, possivelmente é o meu livro mais polémico"

06 mai, 2022 - 07:36 • [Manuela Pires](#) [RR]

"Como Poeira ao Vento" é o novo romance do escritor cubano Leonardo Padura. Neste livro conta-se a história de um grupo de amigos, do exílio da maior parte deles, dos que ficaram no país e da amizade que os une. "Esta é a história da minha geração e a história contemporânea de Cuba."



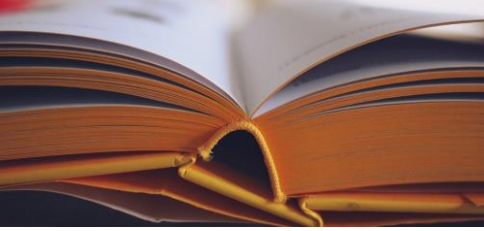
[Cubano lamenta ter sempre de "falar mais de política do que literatura".](#)

Foto: [Manuela Pires/RR](#)

"É um livro onde tudo o que acontece tem uma causa política, embora não fale de política diretamente. Mas se falarmos sobre a vida quotidiana de Cuba, possivelmente é o meu livro mais polémico" reconhece Leonardo Padura em entrevista à **Renascença**.

"Como Poeira ao Vento" conta a história de um grupo de amigos que é afinal de contas a história de uma geração que quando chega aos 30 anos vê o futuro desaparecer. A maioria sai do país, por razões pessoais, profissionais, sentimentais, económicas, nenhum por motivos políticos, embora tudo seja por razões políticas.

Nesta entrevista, o escritor cubano, que decidiu permanecer até agora em Cuba, lamenta ter sempre de "falar mais de política do que literatura", fala ainda da situação do país, depois da pandemia, dos protestos no verão passado e de Joe Biden que não mudou a política do seu antecessor.



Este livro conta a história de um grupo de amigos que vive em Havana e em algum momento da vida decidem sair do país. Esta é a história da diáspora cubana, e a história de um país?

Sim, conta a história deste grupo de pessoas que se conhecem desde a universidade, são engenheiros, médicos, arquitetos, físicos, e que mantiveram sempre uma relação muito próxima. É a história de uma geração que vai para o exílio, outros permanecem no país, isto é parte da história contemporânea de Cuba.

Mas é um romance histórico?

De certa forma é um romance histórico porque conta a história da minha geração desde a década de 90 do ano passado quando Cuba sofre um agrave crise económica com o desaparecimento da União Soviética. O dinheiro soviético acabou e desapareceu aquele país virtual em que vivíamos e começamos a viver num país real e a diáspora é uma das consequências.

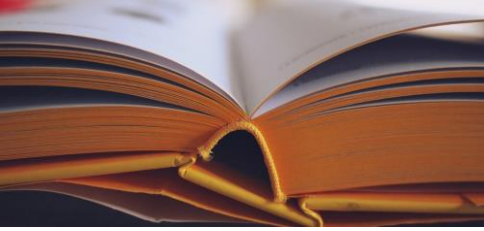
Nos livros policias de Mário Conde a diáspora já está muito presente, mas não como aqui. Já tinha esta ideia há muito tempo?

Este livro completa um ciclo que comecei em 2001 com a obra "O Romance da minha vida" que conta a história de José Maria Herédia, poeta do século 19 que tem de se exilar devido às duas ideias independentistas. E já nesse livro conto os dramas dos exilados, de quem tem de começar de novo a vida noutro país. Em 2015 um dos episódios desse livro é escolhido para a história do filme "Regresso a Ítaca" onde se fala dos exilados. Mas nunca tinha desenvolvido o tema de uma forma tão profunda como neste livro. São obsessões que tenho como pessoa e como escritor.

Eu escrevo sobre temas que tem a ver com mudanças e a diáspora é um deles. Começar uma nova vida num país diferentes, com língua diferente é algo muito dramático e o romance conta esses dramas.

Este livro era para se chamar Clã Disperso. Porque mudou de nome?

Sim, durante muito tempo esse foi o título escolhido, mas é também o título de uma obra inacabada de Alejo Carpentier, um grande escritor cubano dos anos 20 do século passado. A fundação informou-me que queria publicar esse texto e fiquei sem título. Foi em março de 2020, estava no México com um escritor amigo, numa esplanada de um restaurante numa praia, e a música que estava a tocar era "Dust in the wind". Francisco López Sacha, o meu amigo disse-me, já tens o título para o teu livro e assim ficou "Como Poeira ao Vento".



Para além do Clã, há neste livro uma figura feminina, Clara, que assume o papel de protagonista. É uma novidade nos seus romances, dar um papel central a uma figura feminina?

Sim, nos meus romances Mário Conde é o protagonista quase absoluto, exceto no livro HEREGES onde há mais protagonistas e no "Romance da minha Vida" cujo protagonista é o poeta José Maria Heredia que é um homem. Neste romance há algo muito importante, a Pátria, que é o lugar em que vivemos. Eu gosto de pensar em mátria e por isso tinha que existir uma mulher que seja a mátria que é a Clara. É a mãe por excelência, que tem dois filhos que também vão para o exílio, que tem uma relação amoroso com dois dos personagens e é a dona da casa que fica num bairro periférico de Havana. É a representação de Cuba. Clara e a sua casa são duas figuras centrais do romance. No meu caso, tenho de ter muito cuidado quando estou a criar personagens femininas, porque as mulheres são um mistério. A minha mulher, com quem vivo há 44 anos, quando está zangada diz-me que eu não a conheço. Acho que nunca conhecerei completamente as mulheres.

A amizade mantém-se apesar da distância entre eles, uns na europa, nos estados unidos, porto rico. É a história da sua geração. O senhor ainda tem muitos amigos de universidade, em Cuba?

Sim. Mas esse é o tema do exílio, que se cruza com o da permanência e o da pertença e com a amizade. Acredito que uma das grandes facetas do homem é estabelecer relações de fraternidade e de amizade e para mim essa relação com os amigos é muito importante e passei isso para a literatura. A amizade está já nos meus outros livros, com o Mário Conde e aqui neste romance há um momento em que Clara viaja para França e para Espanha para se reunir com os amigos que estão na europa. Há outro momento do livro, quando uma das personagens fica doente, os que estão fora regressam a cuba para estar com ele. Esta amizade entre eles é muito importante neste romance.

Ao longo do romance vamos percebendo que as personagens que vão para o exílio, exceto uma, não conseguem apagar cuba da sua vida, continua sempre presente. É assim?

Sim, há muitos anos um amigo escritor que vive em Espanha há 30 anos disse-me "nem saindo de cuba se sai de cuba, ela persegue-te" e eu acho que é isso mesmo. É difícil quebrar os laços culturais, mas isso não acontece apenas com os cubanos. Nos estados unidos há também uma grande comunidade de portugueses que vivem como em portuga, comem bacalhau. Penso que todos aqueles que têm de começar uma nova vida a anterior nunca os abandona.

"É um livro onde tudo o que acontece tem uma razão política, e se falarmos sobre a vida quotidiana de Cuba, possivelmente é o livro mais polémico".



Foto: [Manuela Pires/RR](#)

Este livro é onde se retrata de uma forma mais intensa a falta de condições sociais e económicas em que vivem os cubanos. É o seu livro mais político?

É um livro onde tudo o que acontece tem uma razão política, embora não fale diretamente sobre política, mas tem um grande conteúdo político. Neste livro é feita uma avaliação sobre Cuba e em Cuba tudo está relacionado com política. Não direi que é o mais político. Em "O homem que gostava de cães" com Trotsky e Mercader há um conteúdo político expresso. Mas se falarmos sobre a vida quotidiana de Cuba, possivelmente é o livro mais polémico.

Mas o livro foi publicado em Cuba. Tem problemas com o regime por isso?

Até agora não. O livro tem uma edição pequena, uma edição alternativa que foi lançada na Feira do Livro de Havana e como o país convidado era o México, a minha editora mexicana enviou alguns livros para Cuba. Mas desde que foi lançado em Espanha, no ano passado, que surgiram cópias digitais piratas e muitos leram o livro no telemóvel. E fico muito contente, porque apesar de não terem acesso ao livro em papel, os cubanos procuram formas alternativas de ler os meus livros, e isso é muito gratificante.

Disse numa entrevista que lamentava ter de falar mais de política do que de literatura, mas que tem obrigação de o fazer. Porquê?

Sim, tu mesma disseste quando falaste do romance. É um livro que não trata de política, mas que fala muitíssimo de política. E toda a minha literatura fala



muitíssimo sobre política. Eu tenho as minhas ideias políticas, não pertencço a nenhum partido. Quando um jornalista me faz perguntas sobre política eu digo que sim, mas que podemos falar mais sobre literatura. Mas como eu escrevi numa crónica, há uns anos, “Gostava de ser como Paul Auster” porque lhe perguntavam sempre por três coisas, literatura, cinema e basebol, que são as três coisas que eu mais gosto no mundo. Mas depois houve uma maldição, um senhor chamado Donald Trump e ele teve de fazer muitas declarações políticas.

“O governo cubano ficou assustado, porque rapidamente um sector importante da sociedade começou a ganhar dinheiro. E quando és economicamente independente, também és politicamente independente”.

A ação deste romance decorre entre 1989 e 2016, quando Obama visita Cuba. Depois com Donald Trump tudo mudou e com Joe Biden há alguma mudança no relacionamento entre Cuba e os Estados Unidos?

A chegada de Trump à Casa Branca foi o princípio do retrocesso aos tempos do conflito, do confronto do governo norte americano em relação a Cuba. E muitas vezes, quer os estados unidos quer a União Europeia, quando tomam medidas contra Cuba, nunca pensam que o governo é uma coisa e outra são os cubanos.

E com o Governo de Trump a situação ficou muito complicada, até porque as remessas dos estados unidos para cuba reduziram muito e isso afetou muitas famílias. Quando o consulado em Havana fechou, os cubanos tinham de ir a Guiana pedir um visto para entrar nos Estados Unidos e sem terem a garantia de que era dado o visto. Então não sei até que ponto afetam diretamente o governo ou afetam mais os cubanos.

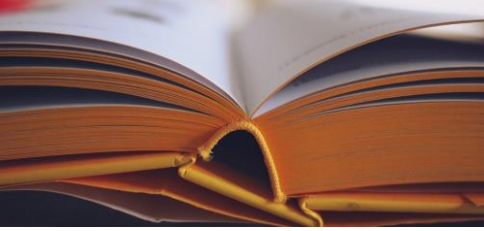
E com Joe Biden mudou alguma coisa?

Biden não mudou esta política de Donald Trump. Pensávamos ou esperávamos que houvesse uma aproximação ao que Obama fez, mas isso não aconteceu.

E o Governo de Havana como reagiu á abertura promovida por Barack Obama?

Isso é o mais importante desta história. O Governo cubano ficou assustado, porque rapidamente um sector importante da sociedade começou a crescer, a fazer negócios e a ganhar dinheiro. E quando és economicamente independente, também és politicamente independente.

E depois veio a pandemia e no verão passado os cubanos saíram à rua a protestar

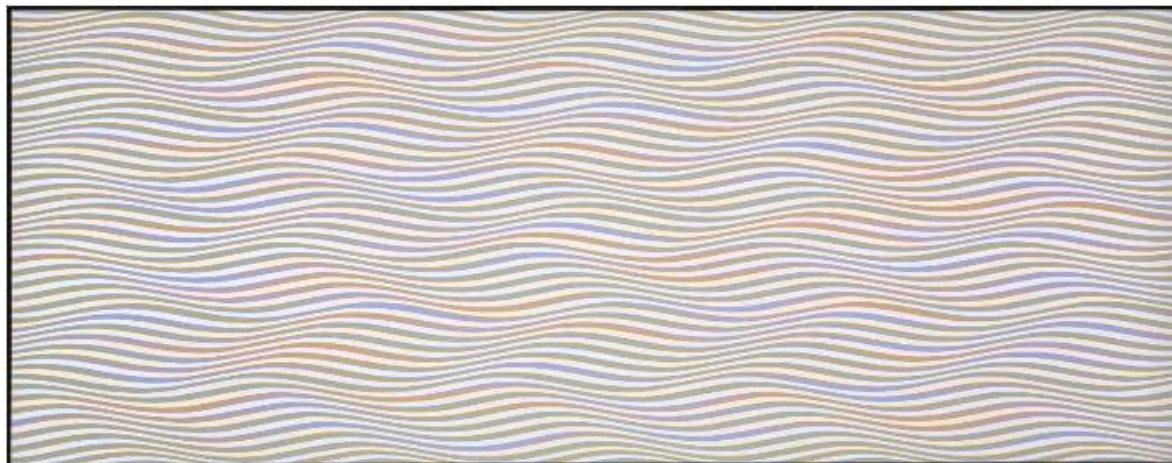


Com a pandemia o turismo paralisou e com as medidas restritivas de Trump e houve um momento em que a sociedade cubana deu um grito de dor e de desespero. E houve manifestações em várias cidades do país, algumas pacíficas e outras pessoas cometeram atos de vandalismo. Os julgamentos das pessoas que se manifestaram no verão passado foram muito duros, com penas muito grandes. Eu acho que estão a prejudicar muito a imagem do governo cubano, porque dizer a alguém que se saia á rua e atiras uma pedra, podes apanhar 20 anos de prisão, isso foi uma lição para acabar com os protestos. Acabaram com a possibilidade de outras manifestações, mas não resolveram os problemas que estão na base desses protestos.

E por causa da pandemia, ficou fechado em casa e escreveu um novo romance onde surge de novo Mário Conde.

Já está na fase de revisão e vai ser editado em Espanha no final do mês de agosto. São duas histórias numa, a primeira ocorre em 1910 com um proxeneta que é figura mítica em cuba, e depois em 2016 com Mário Conde, precisamente no momento em que Obama visita Cuba. São dois momentos muito loucos da vida cubana porque parecia que ia acontecer alguma coisa, mas não aconteceu nada. É um romance que através de dois caminhos diferentes com personagens muito diferentes contam a história dessa Cuba que não acaba nunca, e que nunca chega onde pensamos que pode chegar.

Como poeira ao vento [10/01/2022](#)



Bridget Riley, Para um dia de verão 2, 1980

Por **ÂNGELA CARRATO***

Comentário sobre o romance recém-publicado de Leonardo Padura

Um dos maiores nomes da literatura na atualidade, o cubano Leonardo Padura, acaba de ter seu mais recente romance publicado no Brasil. *Como poeira ao vento*, a exemplo de suas outras obras, tem Cuba como tema, só que agora de forma diferente.

Padura se propõe a contar a história de um grupo de amigos, o Clã, aparentemente inseparáveis e que poderiam continuar juntos pelo resto da vida. Uma fotografia capta esse exato momento, mas é a partir daí que tudo começa a mudar. Aos poucos, o leitor/a vai conhecendo cada um dos integrantes do Clã. Cada um encarna, de diferentes formas, as reações humanas à diáspora cubana, que tem início nos anos 1990 e ainda não acabou. Por meio de uma narrativa envolvente, o leitor é levado a um país complexo, onde as coisas estão distantes do silêncio ou do simplismo com que a realidade de Cuba é apresentada pela mídia corporativa no Brasil e na maioria dos países ocidentais. Exemplo disso pôde ser observado nas distorções que envolvem tudo sobre Cuba e os sucessos alcançados pela Revolução Cubana de 1º de janeiro de 1959, um dos maiores eventos políticos do século XX, porém sempre apresentada como "ditadura". Basta lembrar que a mídia corporativa brasileira simplesmente desconheceu e continua desconhecendo o fato de que Cuba, mesmo sob forte embargo dos Estados Unidos há mais de 60 anos, foi o único país latino-americano a desenvolver vacina própria contra o Covid-19. Aliás, desenvolveu quatro vacinas, sendo uma delas inalável, e com elas imunizou a sua população.

Outro exemplo é a polarização política que Cuba e sua revolução continuam provocando nos setores conservadores e até mesmo em segmentos que se dizem de esquerda. Claro que cada um pode e deve ter sua opinião, mas o problema é quando essa opinião não está amparada em fatos ou, pior ainda, se pauta por distorções e *fake news*. É nesse ponto que o novo romance de Padura cumpre uma função que vai muito além do prazer e do entretenimento que sua literatura sempre proporciona. Mesmo o autor advertindo que *Como poeira ao vento* é um romance e deve ser lido como tal, os acontecimentos históricos a que faz referência são reais. O mesmo pode ser dito das conjunturas sociais invocadas no livro, que também foram extraídas da realidade e da sua experiência pessoal e geracional. Também as personagens e suas histórias foram inspiradas em indivíduos reais, às vezes em somas de várias pessoas concretas, mesmo que suas biografias, tal como aparecem no livro, sejam fictícias. Vale observar ainda que os lugares onde o enredo se desenvolve, desde o bairro Fontanar, em Havana, passando por Barcelona, na Espanha, até um haras nos arredores de Tacoma, no nordeste dos Estados Unidos, são reais.

Obra aberta

Como poeira ao vento pode ser lido de várias maneiras. É a história de um grupo de amigos, de seus sonhos e de suas decepções, a ponto de quase todos, por razões diferentes, decidirem deixar a ilha. É uma bela reflexão sobre a vida e a amizade, feita com a observação atenta a cada aspecto do caráter cubano: a música, a sensualidade, o amor, a gastronomia e as paixões pela “pelota” (beisebol) e pela política. Pode ser lido como uma espécie de *Quarteto de Alexandria* (Justine, Balthazar, Mountolive, Clea) ampliado. Os quatro magníficos romances do escritor inglês, nascido na Índia, Lawrence Durrell, publicados entre 1957 e 1960, apresentam três perspectivas da mesma sequência de acontecimentos e personagens em Alexandria, no Egito, antes e durante a Segunda Guerra Mundial. O quarto livro passa-se seis anos mais tarde, na ilha de Corfu, situada na costa da Albânia.

Como poeira ao vento pode ser lido também como um thriller policial. Padura é mestre no gênero e seu conhecido detetive Mário Conde já ganhou até versão cinematográfica, com a série Estações de Havana. Da mesma forma que *O nome da Rosa*, de Umberto Eco, essa é uma possibilidade nada descartável. Quem não tiver maiores pretensões ou interesses intelectuais, pode ler o eruditíssimo romance de Eco apenas focado em desvendar o mistério das seguidas mortes dos habitantes de um mosteiro na Idade Média, passando ao largo de toda a discussão envolvendo a ciência como o caminho que leva à verdade e ao saber. Não por acaso, Eco é o formulador de um dos mais importantes conceitos sobre arte e literatura no século XX: o de obra aberta, com o qual defende que os processos de leitura e interpretação não

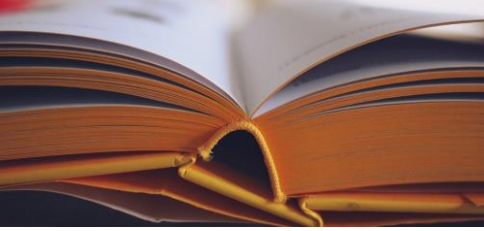
podem pressupor uma análise pré-definida e estruturada do texto. Pelo contrário, implicam uma enorme liberdade por parte do leitor, que tem como tarefa sua extrair dela uma análise pessoal.

Para os apreciadores do gênero policial, há também em *Como poeira ao vento* uma estranha morte e praticamente todos os integrantes do Clã são a priori suspeitos. A trama é ágil e muito bem construída. O próprio Padura presta, explicitamente, neste seu novo livro, homenagem a Umberto Eco, mas também a autores latino-americanos que admira, como Gabriel Garcia Márquez e Jorge Luis Borges. A todas essas possíveis leituras se soma talvez a principal delas: a história dos últimos 30 anos em Cuba, incluindo-se aí um dos tempos mais terríveis para a ilha e seus habitantes, o chamado “período especial em tempos de paz”. O referido período teve início em 1991, quando da dissolução da União Soviética, e se estendeu ao longo dos anos 1990, com os efeitos desta dissolução e também a do Conselho de Assistência Econômica Mútua (Comecon), sendo devastadores para a economia cubana.

“Período especial”

Ao lado de outros 10 países, entre eles Alemanha Oriental, Bulgária, Tchecoslováquia, Vietnã e Polônia, Cuba integrava, desde 1972, um bloco econômico e comercial que funcionava como uma espécie de Plano Marshall em versão socialista. O comércio de Cuba com os países do Comecon totalizava por volta de 85% do que vendia e comprava. Cuba não possui recursos minerais, quedas d’água e nem dispunha de indústria significativa. Razão pela qual utilizava seu principal produto agrícola, a cana de açúcar, como moeda para as suas importações. Era através dela que passou a importar da União Soviética os hidrocarbonetos sob a forma de gasolina, diesel e outros derivados de petróleo de que tanto necessitava.

Não por acaso, o “período especial” em Cuba pode ser definido principalmente pela grave escassez desses produtos, sentidos pela população através dos frequentes e longos apagões (alguns duraram semanas) e da falta de gêneros de primeira necessidade. Some-se a isso que o período transformou radicalmente a sociedade cubana e sua economia, pois exigiu a modificação da agricultura, em virtude da falta de equipamentos e insumos para a lavoura, a diminuição do uso do automóvel e revisou a indústria, a saúde e a dieta em todo o país. Os cubanos, que estavam acostumados a uma vida simples, porém satisfatória em termos de saúde, educação, alimentação, habitação e emprego, proporcionados e garantidos pelo Estado, se viram, de um momento para o outro, tendo que viver com quase nada. Totalmente dependente do combustível fóssil para operar, a sociedade cubana entrou em colapso. Os transportes, sistemas industriais e agrícolas quase foram paralisados. Houve grandes perdas de produtividade tanto na agricultura – que era dominada por



modernos tratores e colheitadeiras, dependentes do petróleo para que funcionassem – como na capacidade industrial.

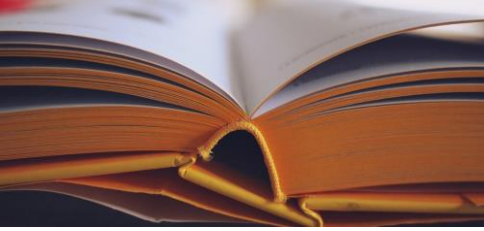
Com a decisão da Federação Russa, que se seguiu ao fim da URSS, de que não tinha intenção de entregar o petróleo que a URSS sempre garantira a Cuba, as consequências do bloqueio econômico dos Estados Unidos, em vigor desde 1963, passaram a ter fortíssimo efeito. O governo socialista cubano se via assim quase sem alternativas.

Xerife do mundo

O atual presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, manteve e, em alguns aspectos, até intensificou o bloqueio comercial, econômico e financeiro a Cuba, que teve início antes mesmo da Revolução de 1959. O objetivo do embargo em 14 de março de 1958 era à venda de armas a Cuba, durante os meses finais do regime ditatorial de Fulgêncio Batista. Vale lembrar que os Estados Unidos apoiaram Batista até quase a véspera de sua derrubada, quando decidem abandoná-lo apostando que poderiam contar com a simpatia e o apoio dos revoltosos de então. Ao perceberem que Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara não seriam instrumentos dóceis em suas mãos, como sempre havia acontecido com os governos anteriores, os Estados Unidos embargam as exportações para a ilha, exceto alimentos e remédios, oficialmente em represália às estatizações de suas empresas pelos revolucionários. Detalhe: essas empresas ganharam rios de dinheiro à custa da exploração, miséria e sofrimento do povo cubano.

Em 7 de fevereiro de 1962, o embargo ou bloqueio, como dizem os cubanos, foi estendido para incluir quase todas as exportações. Em 1999, o presidente Bill Clinton expandiu o embargo comercial, proibindo também as subsidiárias estrangeiras de empresas estadunidenses de negociar com Cuba. Muito criticado, no ano seguinte Clinton autorizou a venda de produtos “humanitários” dos Estados Unidos para Cuba. Sempre se considerando xerife do mundo, independente de estar no poder um representante do Partido Republicano ou do Partido Democrata, os Estados Unidos, em 1992, com a “Lei de Democracia Cubana”, deixou declarado que o objetivo era manter as sanções contra a ilha “enquanto o governo cubano se recusar a avançar em direção à democratização e maior respeito aos direitos humanos”.

Padura, que também é um ensaísta e articulista de primeira grandeza – basta lembrar seu penúltimo livro publicado no Brasil, “Água por todos os lados” (2020) – poderia ter escrito um tratado sobre o absurdo desse bloqueio contra Cuba, que já é o mais longo de toda a história da humanidade em tempos de paz. Mas ao invés de citar leis e tratados internacionais, os enormes prejuízos impostos à economia cubana ou os números de mortos dele decorrentes, optou por mostrar a consequência de tudo isso na pele do cidadão cubano



comum, cujos direitos humanos em momento algum foram levados em conta pelo Tio Sam.

Como na canção de Kansas

Engana-se, no entanto, quem imaginar que *Como poeira ao vento* é um panfleto ou mesmo um livro com denúncias contra os Estados Unidos. Nada disso. Nele há personagens que tanto sonham com as maravilhas propagandeadas pelo Tio Sam, como aqueles que se decepcionam ou até mesmo os que veem coisas boas e coisas ruins nos dois países. Nesse aspecto, o livro é uma ducha de água fria nos adeptos do maniqueísmo ou de análises simplistas em se tratando de Cuba.

Mais ainda. Se alguns personagens da diáspora cubana dos anos 1990 (“como poeira ao vento”, na canção de Kansas) se dispersam por vários países, muitos foram para a Europa (Espanha, França) e lá também constata-se algo semelhante: têm críticas e elogios à nova vida que passam a levar. A própria visita oficial de Barack Obama a Cuba, em 2016, a primeira de um presidente dos Estados Unidos à ilha em toda a sua história, divide as opiniões do Clã e mesmo de seus conhecidos que vivem dentro e fora de Cuba.

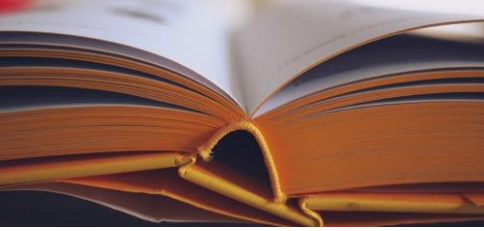
Não falta entre os “balseiros” cubanos (pessoas que imigraram ilegalmente em embarcações precárias e improvisadas) residentes nos bairros mais pobres de Miami, quem reprova a atitude de Obama como a de um “perigoso comunista” que, ao propor reatar relações diplomáticas com Cuba, poderia por em risco o próprio futuro dos Estados Unidos. Mas não falta, também, quem torça para que finalmente haja entendimento entre os dois países.

Padura, ao contrário da maioria desses seus novos personagens, não saiu de Cuba e nem pretende fazê-lo. Como tem dito e repetido “sou um escritor cubano que vive e escreve em Cuba porque não posso e não quero ser outra coisa, porque (e sempre posso dizer que apesar dos mais diversos pesares) preciso de Cuba para viver e escrever”. Por não querer ser outra coisa, mesmo enfrentando todos os problemas que os cubanos viveram e ainda vivem, que Padura conseguiu transformar essas histórias numa espécie de mosaico do que é hoje a sociedade cubana.

Há personagens que ficaram e resistiram e jamais deixariam a ilha. Há os que saíram e desejam voltar. Há os que voltam e não se reencontram e há os que nasceram fora de Cuba. Mas algo liga todos eles: querendo ou não, não conseguem se desvencilhar de Cuba e de suas origens.

Ficção e realidade

Como poeira ao vento é um romance escrito em forma de coro. Aos poucos vamos conhecendo cada um dos personagens e alguns merecem capítulos



inteiros, como Clara (Santa Clara dos amigos), Elisa/Loreta (A mulher que falava com cavalos), Horácio (Quintus Horatius) e Adela (A filha de ninguém). Passado, presente e futuro estão entrelaçados nessas histórias que, como toda boa ficção, nos possibilita olhar a realidade, compreendê-la em todas as suas dimensões e até mesmo desenhar futuros possíveis.

Desde o fim da URSS que o Ocidente preconiza a queda imediata do socialismo em Cuba e os Estados Unidos não medem esforços para que isso aconteça. Haja vista as manifestações no segundo semestre de 2021, no melhor estilo guerra híbrida, comandadas pelo Tio Sam, cujo objetivo era jogar a população da ilha contra o governo provocando o colapso das instituições. Mas, novamente, os ideais de Fidel e Che prevaleceram, mesmo que o socialismo cubano venha, ele também, experimentando mudanças necessárias e significativas. Até porque, se tudo muda, porque só o socialismo cubano deveria permanecer estático?

Padura encerra seu novo romance no início do século XXI. Seus personagens não conheceram a suprema desumanidade de Donald Trump contra Cuba em plena pandemia de Covid-19 e muito menos a continuação dela por Biden. Possivelmente teriam pouca referência sobre a China e a nova rota da seda, também conhecida como iniciativa do cinturão e rota, lançada em 2013, pelo presidente Xi Jinping. O objetivo é traçar rotas de integração, a partir de investimentos em infraestrutura terrestre, marítima, de energia e de comunicação, entre a China, a Europa, a África e a América. Setenta países já integram a iniciativa, sendo vários deles latino-americanos, dentre os quais Cuba. Mesmo cautelosos, muitos cubanos podem se dar o direito, diante dessa nova realidade de integração mundial proposta pela China, de sonharem com um mundo menos hostil e onde a parceria dê lugar aos abomináveis bloqueios estadunidenses. Cuba tem feito a sua parte. Enquanto os Estados Unidos e aliados promovem guerras, despejam toneladas de bombas na cabeça de seus supostos inimigos ou fomentam guerras híbridas, os cubanos enviam brigadas médicas que salvam milhares de vidas em todos os continentes e se tornam referências mundiais em termos de educação, saúde, pesquisa farmacêutica e bioquímica.

Seja como for, em breve Padura terá elementos para outro romance, sempre procurando entender as especificidades de Cuba, país que tanto ama, e do qual, sem dúvida, na atualidade, é um dos seus interpretes maiores.

***Ângela Carrato** é jornalista e professora do Departamento de Comunicação da UFMG. Publicado originalmente no site [Viomundo](https://www.viomundo.com.br).

Referência

Leonardo Padura. *Como poeira ao vento*. Tradução: Monica Stahel. São Paulo, Boitempo, 2021, 544 págs.

LITERATURA

Leonardo Padura aborda a diáspora cubana em 'Como poeira ao vento'

Em seu novo romance, escritor conta a história de exilados que deixaram Cuba, mas não conseguem romper os profundos laços que os ligam à ilha

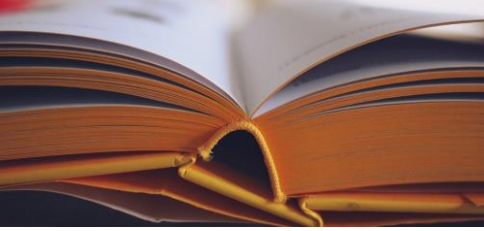
22/11/2021 04:00 - atualizado 22/11/2021 07:55



Em sua casa na capital cubana, o escritor Leonardo Padura está sentado em uma cadeira de palha, tendo ao fundo pintura em tons vermelhos

Adela é uma jovem nova-iorquina de ascendência cubana. Ela mora em Miami com Marcos, que deixou Cuba, mas ainda vive envolto em lembranças de sua infância na ilha, entre amigos e parentes. A mãe de Adela não aprova as opções da filha, especialmente a de se juntar ao namorado no Sul dos Estados Unidos. A jovem consegue se equilibrar entre tantos desafios até que Marcos lhe mostra a foto da última refeição que ele teve com seu grupo cubano, 25 anos antes, quando ainda era criança. Em meio àqueles rostos, Adele descobre alguém familiar, o que abala sua segurança.

É essa trama que o cubano Leonardo Padura, um dos principais escritores da atualidade, usa como ponto de partida para tratar, no romance "Como poeira ao vento" (Boitempo), um tema caro aos seus conterrâneos: a questão do



exílio. Afinal, desde 1959, ano da Revolução Cubana, mais de 1 milhão de pessoas já deixaram a ilha, número aumentado pelos descendentes nascidos em outros países.

Aos 66 anos, Leonardo Padura Fuentes vive em Cuba, apesar de aclamado em diversos países que adorariam acolhê-lo. “Eu não teria sido o mesmo se tivesse saído de Cuba”, diz ele. “Talvez tivesse escrito mais e melhor, mas não teria feito da mesma forma. Sou quem sou porque estou onde estou.” O exílio, porém, não escapa ao seu olhar literário. Romance geracional, “Como poeira ao vento” traz o registro, por meio da ficção, de quem ficou e de quem decidiu partir. Cuba surge confrontada consigo mesma e com a diáspora que marca sua história desde os anos 1950.

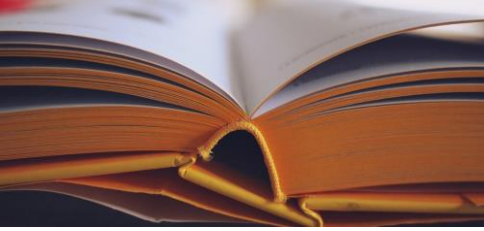
A trama começa em janeiro de 1990, quando uma turma de amigos tira uma foto no aniversário de 30 anos de um deles. Quando dois de seus filhos a descobrem, duas décadas depois, a imagem faz com que o grupo se reconecte para descobrir o que ocorreu com todos eles. A descoberta de Adela ao olhar a foto mostrada pelo namorado desperta sentimentos sobre o magnetismo do pertencimento e a força do afeto, que tanto pode ser ainda real ou, como diz o título do romance, já desapareceu como poeira.

Com escrita moldada no romance policial – gênero, aliás, do qual Padura é craque (o detetive Mario Conde protagoniza a maioria de seus romances) –, o novo livro registra as difíceis circunstâncias que ainda abatem o povo cubano, dividido entre apoiar o presidente Miguel Díaz-Canel ou alimentar a crescente oposição, cujas manifestações (algo inédito na ilha até há poucos anos) são proibidas e rechaçadas com violência pelo governo. Nesta entrevista, concedida por e-mail, o autor fala de sua literatura e de seu país.

Como foi lidar com o tema do exílio, uma vez que você sempre viveu em Cuba?

Você não precisa se exilar para saber o que significa exílio. As experiências de muitas pessoas que conheço, família, amigos, me ensinaram muito sobre como essa condição é vivida, especificamente como os cubanos a enfrentam em diversas partes do mundo. Basta ter sensibilidade para compreendê-los, aceitar suas alegrias e tristezas, suas vitórias e seus traumas. É um aprendizado que conheço por observação, mas também por leitura, já que o exílio é um tema muito utilizado na literatura cubana. E porque, sem dúvida, o exílio implica traumas e foi um drama que marcou a história de Cuba desde nossas origens nacionais, como já mencionei em “O romance da minha vida”.

Seu novo livro trata de temas delicados, como a permanência, a negação a esse pertencimento e a busca de uma identidade. Como foi lidar com esses assuntos?



A permanência e o pertencimento se complementam e foi mais fácil trabalhar porque sou alguém que ficou e que pertence a Cuba. A identidade, por sua vez, é um elemento nosso: somos o resultado de um contexto geográfico, cultural e histórico. Neste romance, eu queria falar sobre como o pertencimento e a identidade são condições que nos perseguem, por mais que nos afastemos, por mais que as neguemos. Por isso não se trata apenas de um romance sobre a saída de Cuba, mas também sobre a impossibilidade de sair espiritualmente de Cuba ou de qualquer lugar a que você pertença por causa de sua cultura, de sua sensibilidade.

O romance traz três personagens femininas muito distintas. Como foi dar-lhes vida a partir da realidade do exílio?

Acho que um dos grandes desafios deste romance é lidar com três protagonistas femininas. Três mulheres muito diferentes entre si, mas, ao mesmo tempo, próximas devido à sua condição de gênero. É claro que a relação de pertencimento a algum lugar foi decisiva no caráter de cada uma delas. Uma fica, outra se afasta e nega tudo, a outra tenta ainda descobrir quem ela é. Mas há também suas relações com os outros personagens e entre si, que são decisivas para o que acontece no romance e que me obrigaram a ter muito cuidado ao escrever sobre elas. Para um homem, penso que é sempre um desafio compreender e assumir o pensamento de uma mulher, não só pela condição sexual, mas também pelo que as sociedades impuseram. Juro que foi difícil lidar com elas.

Um dos momentos mais comoventes do livro mostra Irving dividindo com o amigo Darío o dinheiro que encontrou na rua, mesmo vivendo com muita necessidade. A amizade é importante para você, não?

Este é um romance sobre o valor e a permanência da amizade. Sobre como na distância, e mesmo nas diferenças de pensamento, a amizade pode nos preservar e nos salvar. Exemplos como o que você colocou se repetem no romance porque eu queria intensificar aquela relação de amizade entre personagens que, sendo amigos, estão até dispostos a perdoar certas traições, ou pelo menos entendê-las e, se possível, superá-las. Dou grande valor a essa relação humana e ela aparece em todos os meus romances, principalmente nos do personagem Mario Conde, que tem seu próprio clã.

Adela é personagem estranha: magnetizada por suas raízes cubanas, embora tenha nascido em Nova York e ostente a educação americana. Não é regra os imigrantes se integrarem à cultura do país onde se instalam?

Você disse bem: Adela é estranha. Tem dificuldade em saber a que lugar pertence, mas, ao mesmo tempo, sente atração pelo sentimento de

pertencimento e se identifica com sua metade cultural cubana quase por decisão pessoal ou por fatalidade, não sei. Adela foi inspirada nos filhos de cubanos que nasceram fora de Cuba e se sentem muito cubanos ou próximos da ilha, embora perceba que eles não sabem o que exatamente é Cuba, ou não ligam. Mas lembre-se também de que Adela tem um relacionamento conflitivo com sua mãe, que decide muitas de suas opções e sua formação de caráter.

O romance chega a 2016, quando muitas coisas em Cuba mudaram para pior e o ódio aumentou. Você tem receio de que a atual instabilidade econômica alimente ainda mais o exílio, como ocorreu nos anos 1990?

Tenho certeza de que a atual crise em Cuba causará novos exilados, muitos talvez. Neste momento, devido à pandemia e às dificuldades para viajar, a explosão está contida, mas assim que surgirem vias de fuga, muita gente vai escapar. As pessoas em Cuba estão cansadas, cada vez mais desencantadas, se não desesperadas, e perderam a esperança de que as coisas possam melhorar. Especialmente os jovens, que não querem que sua vida se esgote entre tantos slogans que não resolvem seus problemas vitais, que não garantem a satisfação de suas necessidades. Isso pode parecer pragmático, mas depois de tantos anos alimentando uma utopia que não deu os resultados esperados, prevalecem o pragmatismo e a busca de soluções individuais para o fracasso coletivo.

Como analisa os primeiros meses do governo de Joe Biden, presidente dos Estados Unidos? Já é possível temer a volta do trumpismo?

Biden foi um fiasco, até para os americanos. Esse fiasco pode permitir o retorno do trumpismo. Se você comparar Biden com Obama, notará imediatamente sua falta de brilho, de classe, de decisão política. É difícil saber para onde ele está rumando, o que deseja, como planeja alcançar seus objetivos.

Você ficou surpreso com os cubanos que moram na Flórida e votaram em Trump, e não em Biden?

Não, não fiquei surpreso. Mas não quero julgá-los. Eu gostaria de entendê-los. Não porque sejam trumpistas, mas porque não consigo entender que qualquer pessoa (exceto Trump) possa ser trumpista. Um homem que faz aquele gesto de desprezo por tudo e por todos com a boca... Como admirar alguém assim? Não, juro que não entendo...